

# Vivências de uma atividade docente sobre violência no espaço escolar no curso de extensão em gênero, raça e diversidade sexual/ Odeere – UESB/BA

**Claudia Moreira Costa**  
**Marcos Lopes de Souza**  
**Rita de Cassia Santos Cortes**

Universidade Estadual do Sudoeste da  
Bahia (UESB)

**Resumo:** O relato de experiência a que este texto se refere provém do módulo intitulado Violência no Espaço Escolar, do Curso de Extensão em Gênero, Raça e Diversidade Sexual/ODEERE. A partir de temas que envolvem raça/etnia, gênero, e sexualidades, foram promovidos debates relacionados a preconceitos e discriminações que se manifestam no espaço escolar voltados para o racismo, sexismo e à homo-lesbo-bi-transfobia. O desenvolvimento da proposta didática pautou-se na abordagem qualitativa à luz de estudos pós-críticos, com o intuito de problematizar incômodos prescritos pelo poder hegemônico e de pensar alternativas de mudanças para a promoção de uma convivência respeitosa primando pela valorização das diferenças.

**Palavras-chave:** Violência. Escola. Diferenças.

**Abstract:** The experience report that this text refers comes from the module entitled Violence at School Space, Gender in Extension Course, Race and Sexual Diversity/ODEERE. From issues involving race/ethnicity, gender, and sexuality, debates were held related to prejudice and discrimination which manifest themselves at school facing racism, sexism and homo-lesbo-bi-transphobia. The development of didactic proposal was based on the qualitative approach in the light of post-critical studies, in order to problematize prescribed uncomfortable by the hegemonic power and think of alternatives changes to promote a respectful coexistence striving for appreciation of differences.

**Keywords:** Violence. School. Differences.

## Primeiras palavras

Embora a sociedade atual, estimulada pelos avanços tecnológicos e científicos, esteja marcada por novas formas de vivências e maneiras ampliadas de pensar o mundo, ainda traz consigo concepções hegemônicas que tentam normalizar e impor limites às práticas sociais. Esses enquadramentos acabam permeando o cotidiano escolar, visto que neste espaço, geralmente são reforçadas as normas sociais que trazem a prerrogativa de um modelo de representação a ser valorizado na sociedade que deve se pautar no homem cristão, branco, heterossexual e de classe alta urbana<sup>1</sup>.

Dessa maneira, as pessoas inseridas nesse ambiente que não correspondem ao padrão estabelecido, sofrem preconceitos e discriminações. Dentre esses grupos, podem ser destacadas as mulheres, pessoas negras, homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis ou ainda os/as intersex.

Nesse contexto, a proposta alavancada pelo Órgão de Educação e Relações Étnicas ODEERE - constitui-se em um processo educativo, cultural e científico vinculando ensino, pesquisa e extensão com vistas a pensar em uma sociedade que reconheça as diferenças em que se apresenta a pessoa humana em todas as suas subjetividades, e, para tanto, vem ao longo de sua existência realizando junto à comunidade jequiense e circunvizinha atividades que possibilitem a ampliação de novos saberes e práticas desconstruindo a hegemonia e a normatização que todos/as estão submetidos/as<sup>2</sup>.

Na perspectiva de ampliar discussões que envolvem as singularidades da pessoa humana, uma das ações realizadas pelo ODEERE é o curso de extensão Gênero, Raça e Diversidade Sexual, que desenvolve atividades nas quais estudantes de vários níveis de escolaridade, educadores/as, pessoas com outras formações e ainda aqueles/as que não possuem nenhum tipo de formação escolar são convidados/as a fazerem parte do bojo de debates que trazem à tona a diversidade da

---

<sup>1</sup> LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

<sup>2</sup> O ODEERE foi criado no ano de 2005, é um órgão vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) Jequié. Suas atividades fomentam o ensino, a pesquisa e extensão em cultura afro-brasileira e africana e das relações étnico-raciais; diversidade sexual e gênero; políticas de ações afirmativas para afro-brasileiros, indígenas e LGBTTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersex) favorecendo, principalmente, a inserção de professores da educação básica a estarem em contato com as questões e conteúdos relacionados a essas temáticas.

qual estamos inseridos/as, além de buscar refletir sobre as incompletudes de nossa existência no mundo. O curso é presencial e de caráter modular, cujos encontros acontecem em um final de semana de cada mês, sempre iniciando em março e finalizando em dezembro, e cada módulo se refere a uma temática específica inserida na macro proposta de 200 horas.

A experiência a que este texto se refere provém do módulo intitulado “Violência no Espaço Escolar”, que tratou de temas que envolvem raça/etnia, gênero, e sexualidades, e foi construído para promover debates relacionados aos preconceitos e às discriminações que se manifestam no espaço escolar voltados para o racismo, sexismo e à homo-lesbo-bi-transfobia, na perspectiva de apontar caminhos que conduzam ao reconhecimento, e valorização às diferenças. Com a finalidade de dar consistência à proposta didática, foram utilizados os aportes teóricos de autores inscritos nas perspectivas pós-críticas, dentre os quais destacamos Guacira Lopes Louro, Kabengele Munanga, Michel Foucault, Richard Miskolci e Tomaz Tadeu da Silva<sup>3</sup>.

A ênfase dada ao tema justifica-se pelo fato de se compreender que a escola representa uma instituição social tão influente quanto à família, na qual o sujeito se apresenta depois da família, e ainda por haver um entendimento de que nesse espaço se evidencia uma forma de normalização coletiva a que Miskolci se refere, cujo autor salienta ainda ser esse o lugar onde os “ideais coletivos sobre como deveríamos ser começam a aparecer como demandas e até mesmo como imposições, muitas vezes de forma muito violenta”, por isso compreende-se que as subjetividades das pessoas, expressas em seu modo de viver, causam estranhamento<sup>4</sup>.

A escola é um ambiente onde se espera que se exercite a convivência de forma respeitosa entre os pares que a compõem. No entanto, percebe-se que nas relações estabelecidas rotineiramente no ambiente escolar da educação básica, as diferenças são transformadas em desigualdades tendo como parâmetro os padrões e valores culturais disseminados por um saber cultural e social não só de cunho eurocêntrico como também heteronormativo, sexista e misógeno e que não dialoga com os demais saberes e práticas sociais. Quando se evidenciam essas tensões, professores/as, alunos/as e demais membros da comunidade escolar se sentem desafiados a reelaborar o processo de convívio. Como afirma Louro, a escola precisa ser problematizada para

---

<sup>3</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014

<sup>4</sup> MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013. p. 41.

melhor lidar com as múltiplas e complexas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, geração, etnia entre outros marcadores<sup>5</sup>.

Com isso, a proposta didática trouxe à tona a discussão sobre o sexismo abordando como o mesmo se manifesta em situações simples do cotidiano escolar ao oferecer estímulos reforçadores do papel social e comportamento a ser adotado por cada pessoa, evidenciadas em frases tipo: “homem não chora”, “menina é recatada e deve ser sensível”. Esse binarismo mostra que, do ponto de vista econômico, político e cultural, a sociedade está muito bem compartimentada, com lugares bem definidos para cada homens e mulheres, por exemplo, rejeitando os trânsitos e as instabilidades<sup>6</sup>.

No que se refere ao racismo e etnocentrismo, vale considerar que, quando se faz alguma referência às culturas dos povos africanos, por exemplo, ou a cultura afro-brasileira no espaço escolar por muitas vezes estas ainda são interpretadas de maneira negativa, sendo reduzidas ao olhar do poder hegemônico que suprime seu universo cultural às concepções do colonizador europeu, reforçando aspectos de inferioridade ao apresentar uma imagem estereotipada dos povos africanos e afro-brasileiros.

No entendimento de Munanga a falta de preparo para lidar com a diversidade étnica é um dos efeitos do silenciamento identitário e do mito da democracia racial no cotidiano escolar. Essa lacuna é fruto de uma construção que se deu pelo processo de colonização europeia e ainda se apresenta no imaginário coletivo justificado pela dificuldade de desconstruir antigas representações da pessoa negra, pautadas em estereótipos definidores dos povos africanos escravizados e seus descendentes no Brasil<sup>7</sup>.

Outra violência que deixa marcas negativas na construção do sujeito diz respeito à sexualidade. Preconceito e discriminação com as pessoas que vivenciam sexualidades diferentes do que preconiza a heteronormatividade são pulverizadas na escola<sup>8</sup>. Essa violência se manifesta de forma verbal, psíquica, simbólica ou física. Miskolci elucida que a escola espera que os/as estudantes se interessem sempre por pessoas do chamado sexo oposto, conforme orienta a ordem regulatória social, e quando isso não acontece, quando se nota a presença de alguém que

---

<sup>5</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

<sup>6</sup> VIANNA, Cláudia Pereira. *O sexo e o gênero da docência*. In: Cadernos Pagu, Campinas, n. 17-18, 2001-2002.

<sup>7</sup> MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

<sup>8</sup> Junqueira (2010) define a heteronormatividade como um conjunto de disposições por meio dos quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão. JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Pedagogia do armário: A normatividade em ação. Retratos da Escola: Revista semestral da escola de formação da CNTE (ESFORCE)*. Dossiê Educação e diversidade. – v. 7, n. 13, jul./dez. 2013. Brasília: CNTE, 2007.

destoa da norma sexual compulsória, geralmente o/a educador/a silencia diante da manifestação adotada pelos/as outros/as estudantes que tratam de ridicularizar e humilhar por meio dos insultos as outras práticas dissidentes<sup>9</sup>.

Desconstruir as ideias que geram a violência escolar não é uma tarefa fácil, requer problematizar o modelo hegemônico predominante na nossa sociedade. Neste modelo, existem as minorias, que são entendidas aqui conforme ratifica Louro como “uma atribuição valorativa que é imputada a um determinado grupo a partir da ótica dominante”, e neste construto refere-se à mulher, à população negra e LGBTTI. Toda essa violência direcionada a esses grupos naturaliza-se de tal maneira que se torna imperceptível para uma grande maioria<sup>10</sup>.

Diante deste emaranhado de práticas envolvendo diversidade de gênero, sexual e étnico-racial, desenvolveu-se uma proposta didática pautada na problematização desses incômodos prescritos pelo poder hegemônico para que se possa pensar em alternativas de mudanças para a promoção de uma convivência respeitosa primando pela valorização das diferenças.

## Metodologia

Esta experiência foi realizada com base em uma abordagem qualitativa à luz de perspectivas pós-críticas, em que foram levantadas discussões sobre situações de violência escolar relacionadas ao racismo, sexismo e homo-lesbo-bi-transfobia, mediante exposição oral, apresentação de vídeos, leitura de imagens e leitura de textos. Os participantes foram os/as cursistas matriculados/as no curso de extensão Gênero, Raça e Diversidade Sexual promovido pelo ODEERE, no módulo sete, em que se buscou pelo entendimento e compreensão de como esses/as cursistas visualizam a situação da violência relacionada à etnia e orientação sexual.

O público participante do curso é heterogêneo com relação à idade, formação e nível de escolaridade, visto que há estudantes de graduação em letras, pedagogia e psicologia; há ainda profissionais de vários campos do conhecimento como assistente social, sindicalista e um maior número de professoras já com uma vasta experiência em sala de aula. A intervenção aconteceu em dois momentos: nos dias quinze e dezesseis de novembro de 2015, perfazendo a carga horária

---

<sup>9</sup> MISKOLCI, Richard. Sexualidade e orientação sexual. In: MISKOLCI, Richard. (org.) *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos: EDUFSCAR, 2010.

<sup>10</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições. V. 19, nº 2 (56) – maio/ago. 2008. p. 20.

de dezesseis horas. A primeira etapa teve como principal objetivo promover discussões relacionadas à violência existente no espaço escolar no que concerne ao racismo, sexismo e à homo-lesbo-bi-transfobia.

Nesse primeiro momento, foi tomado como ponto de partida a experiência dos/as participantes do curso de extensão no ambiente escolar, seja como profissionais da área ou como estudantes. Para tanto, foram exibidos dois vídeos: “Cores e botas”<sup>11</sup> que narra o episódio de uma criança negra que sonha em ser paqueta (integrante e dançarina do Show da Xuxa na década de 1990) em que ela é hostilizada por colegas de classe e professoras pelo fato de não atender ao perfil físico exigido; o segundo vídeo “Boneca na mochila”<sup>12</sup> faz um recorte da história de um menino que é pego na escola portando uma boneca na mochila causando alvoroço e desentendimento na comunidade escolar. Enquanto isso, a mãe desesperada entra em um táxi para resolver a situação visando apoiar o filho, quando, no percurso da casa para a escola o taxista liga o rádio e surge o posicionamento de vários profissionais da saúde e da educação sobre a polêmica, com argumentos levantados por esses/as profissionais buscando desconstruir preconceitos, e fazendo com que a mãe se tranquilizasse sobre o episódio.

Em seguida, abriu-se a discussão sobre o texto “A construção escolar das diferenças” – enviado antecipadamente para os/as cursistas com o propósito de que eles/as se familiarizassem com o conteúdo – usando como suporte a projeção de slides<sup>13</sup>. Como a proposta era problematizar as temáticas, foi solicitado aos/às presentes que discorressem sobre as temáticas dos vídeos e do texto, relacionando-os com o cotidiano na escola e outros espaços sociais.

Após um caloroso debate, realizou-se uma atividade em grupo. A dinâmica ocorreu expondo no centro da sala de aula recortes com algumas manchetes retiradas de jornais e revistas que continham situações reais de violência escolar relacionadas ao tema, em que cada cursista observou atentamente e escolheu uma delas. Por meio da leitura e análise de cada manchete, foi proposto que todas as pessoas, individualmente e oralmente, expusessem a problemática e lançassem uma solução para lidar com a situação apresentada a partir de um lugar, se assumindo como pai, mãe ou professor (a), diretor (a) ou colega da turma ou ainda como funcionário da escola. Em sequência foi formado um painel coletivo intitulado “Aprendendo a conviver com as

---

<sup>11</sup> VICENTE, Juliana. *Cores e botas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ll8EYEygU0o>. Acesso em 15 out. 2015. 15'50”.

<sup>12</sup> BONECA NA MOCHILA. Kit anti-homofobia. [https://www.youtube.com/watch=xGRTa\\_7BPWy4](https://www.youtube.com/watch=xGRTa_7BPWy4). Acesso em 10 out. 2015. 25'10”.

<sup>13</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

diferenças” ilustrando as soluções encontradas. Ao término da atividade uma pergunta foi lançada para que os/as cursistas refletissem o seguinte questionamento: “Diante da atividade, quais discursos e atitudes podemos/devemos assumir diante dessas violências ocorridas no ambiente escolar?”

No final desse primeiro dia foi exibido o vídeo “Por uma infância sem racismo”<sup>14</sup> e alavancadas discussões sobre a questão do mito da democracia racial que foi construído no Brasil no século XIX e a crença de que há condições de igualdade para todas as pessoas neste país. Para finalizar o encontro, foi ainda solicitada uma avaliação da aula, em que os/as cursistas relacionaram por escrito de que maneira as discussões do dia os/as provocaram a se pensar... repensar... e que compromisso poderiam assumir a partir de então.

A segunda etapa do trabalho teve como finalidade orientar os/as participantes do curso na elaboração de uma proposta de intervenção que deveriam realizar com algum grupo social ou instituição e apresentar no último módulo do curso. Para tanto, foram sugeridos textos além de atividades que poderiam ser desenvolvidas de acordo com o público a que seria destinado a proposta de intervenção.

## **Resultados observados**

A discussão desta experiência resulta de situações observadas nas dinâmicas utilizadas no módulo, assim como das produções escritas dos/as cursistas. Louro afirma que a escola além de possuir regras que delimitam ações, é um ambiente que separa os indivíduos em todos os aspectos, quer seja pela classe social, idade, sexo e gênero e ainda, acrescenta a autora, expõe símbolos que informam aos sujeitos o sentido da sua existência enquanto instituição. Comungando com a autora, várias situações foram problematizadas e pensadas na lógica que as rege, buscando analisar a construção social das diferenças no ambiente escolar. Para tanto, os/as participantes foram convocados a ter um olhar aguçado sobre o cotidiano da escola que, à primeira vista parece tranquilo e homogêneo, no entanto, permite e faz circular em sua rotina regras, práticas e valores promotores de vigilância e controle dos sujeitos<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> POR UMA INFÂNCIA SEM RACISMO. [https://www.youtube.com/watch?v=\\_aPYuKiKFMg](https://www.youtube.com/watch?v=_aPYuKiKFMg). Acesso em 20 out. 2015. 4’16”.

<sup>15</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Olhar atentamente para algo pressupõe questionar e desestabilizar, desencadeia também posicionamentos e ações para uma mudança das práticas; assim, conforme a proposta inicial do curso, vale ressaltar que muitas formas de pensar alguns conceitos e posturas foram ampliadas e até modificadas.

No que se refere às discussões alusivas ao racismo, a maioria dos/as participantes se autodenominou negro, e relatou que, muitas vezes foram vítimas de discriminação racial tanto na escola como em outros locais, no entanto, alguns/algumas ainda não compreendem claramente que a desigualdade social no Brasil tem cor. Em contrapartida, reconheceram e relataram que, em muitas festas comemorativas ocorridas na escola, há a supremacia de estudantes brancos/as, sendo-lhe destinados lugares de destaque em detrimento de negros/as. Como exemplo foi citada a festa junina em que se elege a rainha do milho, cuja representação, na maioria das vezes, só pode ser feita por uma criança branca. Citaram ainda muitos discursos, piadas e apelidos pejorativos que já ouviram na escola carregados de preconceitos que causam desconforto e inferiorizam a pessoa negra. Foram anunciadas expressões como *“preto quando não caga na entrada, na saída é certo”, “se em uma união inter-racial, a mulher é negra e dar à luz um filho branco, o útero dela é limpo”, “o negro é igual burro, nasceu para transportar cargas”, “negro só tem de limpo a palma das mãos, a sola dos pés e o globo ocular”*.

As falas e ações impregnadas de preconceito racial trazem à tona a necessidade de “desconfiar do que é tomado como natural”, de questionar o que é ensinado e de como se processa esse ensino<sup>16</sup>. Foram pontuadas nas discussões que essas situações, presentes dentro e fora da escola, são produzidas com base em um modelo etnocêntrico construído historicamente que suprime o universo cultural dos povos negros, reforçando a imagem de inferioridade da cultura dos povos africanos e afro-brasileiros<sup>17</sup>.

Munanga considera que para melhor entender o racismo no espaço escolar, deve-se observar se os discursos produzidos nesse ambiente são entrelaçados pelo entendimento da construção, da tomada de consciência e do reconhecimento realizados mediante construções sociais ou se continua a hierarquizar as etnias presentes na comunidade escolar, colocando o branco como um ser superior<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 153.

<sup>17</sup> MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

<sup>18</sup> Ibidem.



Para as discussões relacionadas ao sexismo, os/as participantes relataram situações presenciadas e até mesmo vivenciadas por eles no ambiente escolar e em outros espaços. Embora tivessem compreendido sobre a importância de que não deve haver hierarquização entre os gêneros, houve depoimentos relacionados ao ambiente familiar onde as brincadeiras e brinquedos são distintos para meninos e meninas e as atividades domésticas são geralmente destinadas ao público feminino e, na escola, muitas vezes essa segregação e papéis são ratificados e reforçados. Entretanto, o grupo compreendeu a necessidade de se pensar que os modos de viver devem ser escolhidos pela pessoa e não se deve permitir a perpetuação da inferioridade feminina e a supremacia masculina, visto que essas tensões culminam com conflitos tornando-se um dos principais motivos condutores para a violência doméstica.

A escola que está inserida na contemporaneidade se apresenta descontextualizada, pois há lugares específicos para os gêneros, sendo que as pessoas devem se manifestar socialmente de acordo com a normatividade, confirmam os/as cursistas. Há uma vigilância e controle que vão desde os discursos produzidos pelos/as estudantes até a posição de sentar, e quando surge algum evento que escapa da norma, como dois exemplos citados por uma professora em que um menino de sete anos estudante do ensino fundamental I era chamado constantemente de “bichinha” pelos colegas de sala por gostar de brincar de bonecas com as meninas, e um outro caso se referiu a uma garota que não queria usar vestido na festa da escola, então ela foi repreendida pela própria mãe. Nessas situações, quando a pessoa não é imediatamente “corrigida”, pois é necessário que tudo esteja de acordo com os padrões, ela é submetida a hostilizações<sup>19</sup>.

Transferindo a discussão para as experiências pessoais, a maioria das mulheres salienta que em suas famílias elas eram educadas para realizar as atividades domésticas, funções que sempre lhes foram atribuídas porque desde a infância foram disciplinadas, e levadas à submissão, tornando-as úteis e obedientes. Os pais geralmente faziam-nas entender que esses serviços não eram papéis de homens, embora muitas dessas mulheres, assim como eles, tivessem também que trabalhar fora de casa. Afirmaram ainda que, na atualidade, essa orientação continua sendo reproduzida por muitas famílias e muitas vezes reforçada em outros espaços sociais, como a escola e sobretudo a igreja. Assim, a constatação a que o grupo chega é de que a escola reforça a inferiorização da mulher quando não propõe desconstruir esses valores impregnados pela instituição familiar.

---

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.

Foi também elencado por alguns participantes que têm filhos/as na educação básica o fato da escola promover tarefas que separam meninos de meninas. Um outro exemplo destacado é que na escola ainda persiste a ideia de que meninas devem ser mais tranquilas, obedientes e calmas do que os meninos. No entanto, um dos presentes relata que acha tudo isso muito estranho pelo fato de que a força de trabalho existente no espaço escolar é em sua maioria formada por mulheres.

A partir dessas observações elencadas, todos/as participantes se posicionaram trazendo à tona a importância de que é necessário pensar sobre as consequências do sexismo nas relações sociais, e quão este fenômeno é nocivo, já que possibilita sobretudo provocar hierarquização das pessoas por meio do sexo e gênero. Diante disso, uma das professoras insiste que é fundamental não se calar, principalmente porque a mulher vem lutando por novos espaços e novas conquistas desde muito tempo. Assim, não se pode pensar em papéis determinados pelo sexo ou gênero, mas papéis sociais, que podem ser desempenhados por todos/as sem distinção.

No quesito dedicado às discussões relacionadas à sexualidade, reforçou-se a existência de uma norma que inferioriza as pessoas que destoam da sexualidade compulsória. Um dos fatores que conduzem as pessoas a rejeitarem outras formas de expressão da sexualidade é a religião, reiteraram muitos/as participantes respaldados/as por suas vivências.

Muitas religiões de matriz cristã exercitam constantemente o discurso do pecado para reforçar que não é permitido, de acordo com as leis divinas, outras formas de amar, porque está contra a natureza, assim o amor entre pessoas do mesmo sexo é considerado uma abominação. Foi afirmado ainda que, para essas religiões, as práticas sexuais possuem um único objetivo que é a reprodução e somente devem ocorrer, conforme orientação religiosa, mediante a formalização da união entre os casais heterossexuais. Essas concepções são uma herança do século XVIII, que, de acordo com Foucault, a igreja representava um dos mecanismos que regulava as práticas sexuais centradas nas relações matrimoniais e condenava as outras, entendendo-as como sodomia<sup>20</sup>.

As professoras cursistas pontuaram que a exclusão de pessoas LGBTTI é muito recorrente no espaço escolar. Essas pessoas também vivenciam outros tipos de violência como apelidos depreciativos, insultos e até agressão física e essas demonstrações de discriminação ocorrem, segundo as professoras, não só por parte de alunos/as, mas se estendem a toda comunidade

---

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

escolar. Para exemplificar, Foram citadas expressões do tipo *“toma jeito de homem”, “como pode um menino tão lindo ficar dando o cu?”*, *“você é assim porque nunca experimentou um homem de verdade”*.

Após as problematizações acerca desse tipo de violência, os/as participantes afirmam que os/as professores/as precisam se manifestar quando percebem alguma atitude que caracterize homofobia na escola, pois, diante de uma agressão, o silêncio traz em si o sentido de convivência.

A inércia diante desse tipo de violência também provém de uma construção social, uma vez que posicionar-se, significa reconhecer que aqueles ou aquelas que se manifestam diferentemente dos valores hegemônicos não são estranhos, pois o olhar que se tem sobre eles ou elas é que os torna assim, esquisitos, relegando-os à abjeção. À primeira vista, apenas ser indiferente diante das práticas lesbo-homo-bi-transfóbicas na sala de aula talvez seja uma atitude que o educador encontra para não se permitir desestabilizar ou entrar em uma seara tão conflituosa ainda na atualidade que é a sexualidade. Porém levantar questões que se refiram ao assunto é um caminho para ampliar a maneira de entender que as pessoas devem ser respeitadas e valorizadas em suas subjetividades.

A rotina no ambiente escolar revela situações e práticas pedagógicas diretamente relacionadas com a produção de diferenças produzidas socialmente. Partindo desse princípio, é necessário buscar não apenas reconhecer a diferença que compõe o espaço escolar, mas colocar em evidência questionamentos que transcendam as declarações benevolentes de boa vontade para com a diferença<sup>21</sup>.

A leitura crítica acerca da naturalização dos tipos de violência elencadas durante o curso trouxe o desejo de mudança por parte de todo o grupo e o entendimento de que o respeito e valorização às diferenças no ambiente escolar perpassa por um trabalho de enfrentamento ao preconceito, à discriminação que levam ao racismo, ao sexismo e à homo-lesbo-bi-transfobia. No entanto, esse enfrentamento requer o posicionamento de questionar o que está posto na sociedade como a norma e, para isso, é preciso compreender as raízes históricas e sociais da normatividade.

Não se pode perder de vista que fazemos parte de uma sociedade heteronormativa, fomos construídos socialmente para nos limitar ao binarismo homem/mulher, e também a hierarquizar as outras pessoas pela identidade étnico-racial, pela divisão sexual e de gênero de

---

<sup>21</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

tarefas sociais, além de posturas pela orientação sexual. E assim muitas vezes nos autorizamos a vigiar, condenar e considerar abjeto quem não está engavetado nas normas, com isso geralmente nos esquecemos de que também estamos disciplinando e controlando a nós mesmos. Alargar o pensamento requer nos permitir a novas leituras, romper com o já construído, desestabilizar o que parece imutável. E este processo de pensar sobre si, de se rever não é tranquilo e nem fácil, é uma aprendizagem contínua.

### **Considerações finais**

A proposta didática adotada no curso intitulado “Violência no espaço escolar” mobilizou cursistas e ministrantes a dirigir a atenção, pensamento e sentidos para a problemática da violência no espaço escolar no que se refere a questões de gênero, raça e sexualidade. O resultado foi significativo por proporcionar a socialização de experiências e a problematização das naturalizações, possibilitando questionar a heteronormatividade, o sexismo e o racismo velado presentes no cotidiano da escola.

Partindo desse entendimento, os/as cursistas foram instigados a assumir um compromisso diante de situações de violência no espaço escolar e outros espaços sociais. Estes compromissos se referem a discursos e atitudes. Muitos deles/delas se comprometeram a multiplicar o conhecimento adquirido, pontuando que é necessário que o espaço escolar tenha abertura e se aproprie dessa temática promovendo discussões e ações voltadas para as pessoas em todas as suas subjetividades, porque é fundamental que os/as estudantes aprendam a conviver com as diferenças. Outros se posicionaram afirmando que não mais se calarão diante de situações de violência advindas de processos discriminatórios.

Pensar a escola nessa perspectiva requer reconhecer e valorizar a pluralidade dos sujeitos e das culturas que o compõem. Sendo assim, urge a necessidade de pensar esse ambiente como um espaço democrático e prazeroso no qual as diferenças culturais possam dialogar sem causar estranhamentos.

### **Imagens em movimento**

BONECA na mochila. 25'10" *Kit anti-homofobia*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch=xGRTa7BPWy4>. Acesso em 10 out. 2015.

CORES e botas. 15'50" Produção de Juliana Vicente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LI8EYEyU0o>. Acesso em 15 out. 2015.

POR UMA INFÂNCIA SEM RACISMO. 4'16" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aPYuKiKFMg>. Acesso em 20 out. 2015.

## Referências

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Pedagogia do armário: A normatividade em ação. Retratos da Escola: Revista semestral da escola de formação da CNTE (ESFORCE)*. Dossiê Educação e diversidade. – v. 7, n. 13, jul./dez. 2013. Brasília: CNTE, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-Posições. V. 19, nº 2 (56) – maio/ago. 2008.

MISKOLCI, Richard. Sexualidade e orientação sexual. In: MISKOLCI, Richard. (org.) *Marcas da diferença no ensino escolar*. São Carlos: EDUFSCAR, 2010.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o racismo na escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

VIANNA, Cláudia Pereira. *O sexo e o gênero da docência*. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 17-18, p. 81-103, 2001-2002.

**Claudia Moreira Costa:** Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Pesquisadora do Grupo de Estudos Hermenêuticos sobre Família, Territórios, Identidades e Memórias – GEHFTIM. Professora da rede municipal de ensino de Jaguaquara-BA.

**Marcos Lopes de Souza:** Possui Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo - FFCLRP (1995-1998) tendo realizado Iniciação Científica sob orientação da Profa. Dra. Eda Therezinha de Oliveira Tassara e co-orientação da Profa. Dra. Silvana Aparecida Pires de Godoy. É mestre (1999-2002) e doutor (2002-2007) em Educação pelo PPGE da Universidade Federal de São Carlos sendo orientado pela Profa. Dra. Denise de Freitas. Realizou estágio de pós-doutorado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2014-2015) sob a supervisão do Prof. Dr. Anderson Ferrari. É professor titular do Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié-BA. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade da UESB. É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) e do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPG-REC), ambos da UESB, campus de Jequié-BA. Tem experiência na área de Educação, atuando como pesquisador e extensionista, especialmente nos seguintes temas: ensino de ciências e biologia; diversidade de gênero, sexual, étnico-racial e educação; formação docente e as questões de gênero e sexualidade; a interface entre sexismo, racismo e homofobia nas escolas.

**Rita de Cássia Santos Côrtes:** Mestranda em Relações Étnicas e Contemporaneidade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero e Diversidade Sexual - GEPGDS. Professora da Rede Municipal de Ensino de Jequié-BA e da Rede Estadual -BA.

**Artigo recebido para publicação em:** Maio de 2016.

**Artigo aprovado para publicação em:** Junho de 2016.